

O PASSADO DO PASSADO E O FUTURO DO PASSADO

Nassim Nicholas Taleb*

Algumas verdades só atingem crianças - adultos e não-filósofos são sugados pelas minúcias da vida prática e precisam se preocupar com "assuntos importantes", de forma que abandonam esses *insights* em prol de questões aparentemente mais relevantes. Uma dessas verdades trata da diferença maior em textura e qualidade entre o passado e o futuro. Graças a ter estudado essa distinção toda a vida, compreendo-a melhor do que na infância, mas não a vislumbro mais tão vividamente.

A única forma pela qual se pode imaginar um futuro "parecido" com o passado é pressupondo que será uma projeção *exata* do passado, portanto, previsível. Assim como você sabe com alguma precisão quando nasceu, também deveria saber com a mesma precisão quando morrerá. A idéia de futuro misturado com *acaso*, e não como uma extensão determinista de sua percepção do passado, é uma operação mental que sua mente não pode executar. O acaso é vago demais para que seja uma categoria por si só. Existe uma assimetria entre o passado e o futuro, e ela é sutil demais para que a compreendamos naturalmente.

A primeira conseqüência dessa assimetria é que, nas mentes das pessoas, a relação entre passado e futuro não aprende com a relação entre o passado e o passado que o antecedeu. Existe um ponto cego: quando pensamos no amanhã, não o enquadramos em termos do que pensamos ontem ou anteontem. Por causa desse defeito introspectivo deixamos de aprender sobre a diferença entre nossas previsões passadas e os resultados subseqüentes. Quando pensamos sobre o amanhã, simplesmente o projetamos como outro ontem.

Esse pequeno ponto cego possui outras manifestações. Vá à jaula de primatas do zoológico do Bronx, onde se pode ver nossos parentes próximos na feliz família dos primatas vivendo as próprias vidas sociais movimentadas. Pode-se ver também montes de turistas rindo das caricaturas de humanos que os primatas inferiores representam. Agora imagine ser membro de uma espécie de nível mais alto (por exemplo, um filósofo "real", uma pessoa verdadeiramente sábia), muito mais sofisticada do que os primatas humanos. Você, certamente, riria das pessoas rindo dos primatas não-humanos. Claramente, para aquelas pessoas que se divertem com os macacos, a idéia de um ser que olharia para elas com superioridade da mesma forma que elas próprias olham com superioridade para os macacos não pode surgir imediatamente em suas mentes - caso o fizesse, despertaria autocomiseração. Elas parariam de rir.

Da mesma forma, um elemento no mecanismo através do qual a mente humana aprende a partir do passado faz com que acreditemos em soluções definitivas - mas sem considerar que aqueles que nos precederam também pensaram que tinham soluções definitivas. Rimos dos outros e não percebemos que alguém terá as mesmas justificativas para rir de nós algum dia não muito remoto. Tal percepção acarretaria na forma de pensamento recursiva, ou de segunda ordem, que mencionei no Prólogo - não somos bons nisso.

O bloqueio mental em relação ao futuro ainda não foi investigado e rotulado pelos psicólogos, mas parece ser similar ao autismo. Alguns autistas podem possuir níveis altos de inteligência matemática ou técnica.

Suas habilidades sociais são defeituosas, mas essa não é a raiz do problema. Pessoas autistas não conseguem se colocar na posição de outras pessoas, não conseguem ver o mundo a partir de outros pontos de vista. Elas vêem os outros como objetos inanimados, como máquinas, movidos por regras explícitas. Elas não conseguem realizar operações mentais simples como "Ele sabe que eu não sei que sei", e é essa incapacidade que impede suas habilidades sociais. (Interessantemente, autistas, não obstante sua "inteligência", também exibem uma incapacidade de compreender a incerteza.) Assim como o autismo é chamado de "cegueira mental", a inabilidade de pensar dinamicamente, de se posicionar em relação a um observador futuro, deveria ser chamada por nós de "cegueira ao futuro".

Predição, erros de predição e felicidade

Procurei na literatura sobre ciência cognitiva por alguma pesquisa sobre a "cegueira ao futuro" e não encontrei nada. Mas na literatura sobre felicidade encontrei um exame de nossos erros crônicos em predições que nos tornarão felizes.

Esse erro de predição funciona do seguinte modo: você está prestes a comprar um carro novo. Ele mudará sua vida, elevará seu status e transformará as viagens de ida e volta do trabalho em passeios. Ele é tão silencioso que mal se pode saber se o motor está ligado, de forma que você pode ouvir os noturnos de *Rachmaninoff* na estrada. O novo carro irá elevar você a um patamar de contentamento permanentemente elevado. As pessoas pensarão: "Ei, ele tem um carro muito legal" sempre que o virem. Mas você esquece que também tinha as mesmas expectativas na última vez que comprou um carro. Você não espera que o efeito do novo carro venha a desvanecer finalmente e que você reverterá à condição inicial, como fez na última vez. Algumas semanas depois de sair da concessionária dirigindo o carro novo, ele irá se tornar sem graça. Se você tivesse esperado por isso, provavelmente não o teria comprado.

Você está prestes a cometer um erro de predição que já cometeu antes. E, no entanto, custaria tão pouco introspectar!

Psicólogos estudaram esse tipo de erro de predição em relação a eventos agradáveis e desagradáveis. Superestimamos os efeitos dos dois tipos de futuro em nossas vidas. Parecemos sofrer de um contratempo psicológico que faz com que façamos isso. Esse contratempo é chamado de "utilidade antecipada" por *Danny Kahneman* e de "previsão afetiva" por *Dan Gilbert*. O ponto não é tanto que tendemos a prever erroneamente a felicidade futura - é mais que não aprendemos recursivamente a partir de experiências passadas. Temos evidências de um bloqueio mental e de distorções na maneira que deixamos de aprender com erros passados, ao projetar o futuro de nossos estados afetivos.

Superestimamos grosseiramente a duração do efeito de infortúnios em nossas vidas. Você pensa que a perda de sua fortuna ou de sua posição atual será devastadora, mas provavelmente está errado. É mais provável que você se adapte a qualquer coisa, como provavelmente fez depois de infortúnios passados. Você pode sentir uma pontada de dor, mas ela não será tão ruim quanto se espera. Esse tipo de erro de predição pode ter um propósito: motivar-nos a executar atos *importantes* (como comprar carros novos ou ficar rico) e evitar que corramos certos riscos desnecessários. E isso é parte de um problema mais geral: nós, humanos, devemos enganar um pouco a nós mesmos ocasionalmente. Segundo a teoria da auto-enganação de Trivers, isso deveria nos orientar favoravelmente em direção ao futuro. Mas a auto-enganação não é uma característica desejável fora de seu domínio natural. Ela previne que corramos alguns riscos desnecessários - mas vimos no Capítulo 6 como ela não cobre tão prontamente uma série de riscos modernos que não tememos por não serem vívidos, como riscos de investimento, perigos ambientais ou segurança em longo prazo.

*Extraído do livro "A Lógica do Cisne Negro" – Ed. BestSeller – 2008. Págs 248 a 250

